

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO-
UEMASUL
PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES CAMINHOS DO SERTÃO
UNIDADE AVANÇADA DE AMARANTE DO MARANHÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA

ADEILANE DOS SANTOS NEGREIROS
MARIA MAILA MOURA DE OLIVEIRA FEITOSA
ZÉLIA LIMA FERREIRA

**LITERATURA INDÍGENA INFANTOJUVENIL COMO FERRAMENTA
PEDAGÓGICA:** Uma proposta para promover valorização e respeito à cultura indígena no
6º ano do Ensino Fundamental

ADEILANE DOS SANTOS NEGREIROS
MARIA MAILA MOURA DE OLIVEIRA FEITOSA
ZÉLIA LIMA FERREIRA

**LITERATURA INDÍGENA INFANTOJUVENIL COMO FERRAMENTA
PEDAGÓGICA:** uma proposta para promover valorização e respeito à cultura indígena no 6º
ano do Ensino Fundamental.

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC,
apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras
Língua Portuguesa do Programa de Formação
de Professores Caminhos do Sertão -
UEMASUL na Unidade Avançada de
Amarante do Maranhão, como requisito final
para obtenção do título de Licenciado em Letras
Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Elizabete Rocha de
Souza Lima

N385l

Negreiros, Adeilane dos Santos

Literatura indígena infantojuvenil como ferramenta Pedagógica: uma proposta para promover valorização e respeito à cultura indígena no 6º ano do Ensino Fundamental. / Adeilane dos Santos Negreiros, Maria Maila Moura de Oliveira Feitosa, Zélia Lima Ferreira. – Amarante do Maranhão, MA, 2026.

31 f.; il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Língua Portuguesa) Programa de Formação de Professores Caminhos do Sertão – Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, Imperatriz, MA, 2026.

1. Literatura indígena infantojuvenil. 2. Intervenção pedagógica. 3. Valorização Cultural. I. Feitosa, Maria Maila Moura de Oliveira. II. Ferreira, Zélia Lima. III. Título.

CDU 81:82

ADEILANE DOS SANTOS NEGREIROS
MARIA MAILA MOURA DE OLIVEIRA FEITOSA
ZÉLIA LIMA FERREIRA

**LITERATURA INDÍGENA INFANTOJUVENIL COMO FERRAMENTA
PEDAGÓGICA:** uma proposta para promover valorização e respeito à cultura indígena no 6º
ano do Ensino Fundamental.

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC,
apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras
Língua Portuguesa do Programa de Formação
de Professores Caminhos do Sertão -
UEMASUL na Unidade Avançada de
Amarante do Maranhão, como requisito final
para obtenção do título de Licenciado em Letras
Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Elizabete Rocha de
Souza Lima.

APROVADO/A EM: 06/06/2026

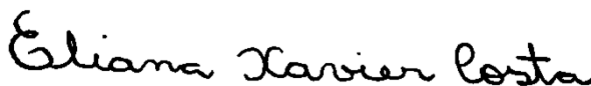
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Elizabete Rocha de Souza Lima - Orientadora



Pof. Esp. Júlio Cezar da Conceição Nascimento - Examinador 1



Profa. Me. Eliana Xavier Costa – Examinadora 2

Dedicamos este trabalho a Deus, que nos sustentou com força, fé e sabedoria durante toda esta caminhada acadêmica; às nossas famílias, que estiveram ao nosso lado com amor, paciência e incentivo, compreendendo nossas ausências e nos apoiando nos momentos de dificuldade.

AGRADECIMENTOS

Primordialmente agradecemos a Deus, por até aqui ter nos sustentado e nos ajudado nessa trajetória, pela saúde e perseverança em meio aos desafios, às dificuldades e aos momentos de insegurança, foi a fé que nos sustentou e nos permitiu seguir firmes até a conclusão desta importante etapa de nossa formação.

Às nossas famílias, pelo apoio, incentivo, paciência e compreensão durante todo o percurso acadêmico. Agradecemos por compreenderem nossas ausências, nossos momentos de cansaço e dedicação aos estudos, bem como por acreditarem em nossa capacidade de alcançar este objetivo. Cada palavra de encorajamento e cada gesto de cuidado foram fundamentais para que pudéssemos chegar até aqui.

À nossa orientadora, Profa. Dra. Elizabete Rocha de Souza Lima, expressamos nossa sincera gratidão pela orientação, paciência, responsabilidade e compromisso demonstrados durante a construção deste trabalho. Suas contribuições foram essenciais para o amadurecimento da proposta pedagógica, para o aprimoramento da escrita acadêmica e para a organização das ideias desenvolvidas ao longo da pesquisa.

À Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão — UEMASUL, ao Programa de Formação de Professores Caminhos do Sertão e à Unidade Avançada de Amarante do Maranhão, pela oportunidade de formação acadêmica e profissional, possibilitando-nos trilhar o caminho da docência e ampliar nossos conhecimentos na área de Letras Língua Portuguesa.

Aos professores do Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa, pelos ensinamentos, orientações e experiências compartilhadas ao longo da graduação. Cada disciplina, leitura, atividade e reflexão contribuiu significativamente para nossa formação como futuras professoras e para a compreensão do papel social, cultural e humano da educação.

Por fim, manifestamos nossa gratidão por esta etapa concluída, reconhecendo que a formação docente é um processo contínuo, marcado por desafios, aprendizados e responsabilidades. Este trabalho representa não apenas o encerramento de um ciclo acadêmico, mas também o início de uma caminhada profissional comprometida com uma educação mais crítica, inclusiva, humana e respeitosa à diversidade cultural.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma proposta pedagógica voltada ao ensino da literatura indígena infantojuvenil como ferramenta para promover a valorização e o respeito à cultura indígena em uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Amarante do Maranhão. A pesquisa parte da constatação de que, embora o município esteja inserido em um contexto marcado pela presença de povos indígenas, a literatura indígena ainda é pouco explorada no cotidiano escolar. Nesse sentido, o estudo tem como objetivo compreender a relevância da utilização dessas narrativas em atividades pedagógicas que favoreçam a formação leitora, crítica e cultural dos estudantes, em diálogo com a Lei nº 11.645/2008 e com as orientações da BNCC. A metodologia adotada é de abordagem qualitativa, caracterizada como intervenção pedagógica, fundamentada nos princípios da pesquisa-ação. A proposta desenvolve-se a partir das obras “A Boca da Noite”, de Cristino Wapichana, e “As fabulosas fábulas de IAUARETÊ”, de Kaká Werá Jecupé, contemplando sugestões de atividades de leitura, escuta, escrita, oralidade, análise de narrativas, produção de fábulas e dramatização. Embora a intervenção tenha sido aplicada parcialmente, em razão do cronograma do estágio e do calendário escolar, a experiência evidenciou o interesse dos alunos pelas narrativas indígenas e revelou possibilidades significativas para a desconstrução de estereótipos, a ampliação do repertório cultural e o fortalecimento de práticas educativas mais inclusivas, plurais e comprometidas com o reconhecimento dos povos indígenas.

Palavras-chave: Literatura indígena infantojuvenil; Intervenção pedagógica; Valorização cultural.

ABSTRACT

This work presents a pedagogical proposal focused on teaching indigenous juvenile and children literature as a tool to promote the appreciation and respect for indigenous culture in a 6th-grade class at a public school in Amarante do Maranhão. The research stems from the observation that, although the municipality is situated in a context marked by the presence of indigenous peoples, Indigenous literature is still little explored in the daily school routine. In this sense, the study aims to understand the relevance of using these narratives in pedagogical activities that favor the reading, critical, and cultural development of students, in dialogue with Law No. 11.645/2008 and the guidelines of the BNCC (National Common Core Curriculum). The methodology adopted is a qualitative approach, characterized as a pedagogical intervention, based on the principles of action research. The proposal develops from the works "A Boca da Noite" by Cristino Wapichana and "As fabulosas fábulas de IAUARETÊ" by Kaká Werá Jecupé, encompassing suggestions of activities of reading, listening, writing, orality, narrative analysis, fable production, and dramatization. Although the intervention was applied only partially, due to the internship schedule and the school calendar, the experience highlighted the students' interest in indigenous narratives and revealed significant possibilities for deconstructing stereotypes, expanding cultural repertoire, and strengthening more inclusive, pluralistic educational practices committed to the recognition of indigenous peoples.

Keywords: Indigenous juvenile and children literature; Pedagogical intervention; Cultural appreciation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1 Literatura Indígena Infantojuvenil: Conceitos e fundamentos	11
2.2 Literatura Infantojuvenil Indígena Contemporânea sob uma Perspectiva Educacional	13
2.3 A Literatura Indígena Infantojuvenil como Ferramenta Pedagógica	15
2.4 Narrativas Indígenas: potencial pedagógico e conexões para a intervenção escolar	17
2.5 Identidade e Representatividade: Desafios e possibilidades no ensino de literatura indígena infantojuvenil	18
3 METODOLOGIA: Conceitos e Contextos da Pesquisa	19
4 O ENSINO DA LITERATURA INDIGENA INFANTOJUVENIL: Uma Proposta Pedagógica para a Valorização Cultural Brasileira por meio das Narrativas Indígenas	24
4.1 Etapa 1: Atividades do Eixo Leitura	24
4.2 Etapa 2: Atividades do Eixo Escrita	25
4.3 Etapa 3: Atividades do Eixo Oralidade	26
4.4 Expansão do Conhecimento: atividade de avaliação	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	29

1 INTRODUÇÃO

A literatura indígena infantojuvenil como ferramenta pedagógica, apresenta-se como um importante instrumento de valorização e respeito à cultura dos povos indígenas. Ao ser trabalhada no ambiente escolar, ela proporciona uma experiência literária que ultrapassa o simples ato de ler, tornando-se um mergulho em valores humanos, na sabedoria ancestral e nas tradições orais dos povos originários.

Dessa forma, possibilita que os alunos conheçam outras formas de compreender o mundo, ampliando sua visão sobre a diversidade cultural existente no Brasil. Nesse contexto, surge a seguinte questão norteadora: como a utilização da literatura indígena infantojuvenil em atividades pedagógicas pode favorecer atitudes de valorização e respeito à cultura e identidade indígena entre estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental?

O que se observa é uma presença limitada desse material no cotidiano escolar, tanto nos livros didáticos quanto nas práticas formativas dos professores. Essa lacuna torna-se ainda mais evidente no contexto de Amarante do Maranhão, município cercado por terras indígenas e cuja dinâmica sociocultural é marcada pela presença de povos originários. Paradoxalmente, mesmo inserida nesse território, a escola pouco explora conteúdos que valorizem e deem visibilidade à cultura indígena, reproduzindo um ensino distanciado da realidade local.

Nesse contexto, faz-se necessário ações pedagógicas que contribuam para a mudança da realidade em questão. Com isso, este trabalho tem como principal objetivo compreender a relevância da utilização da literatura indígena infantojuvenil em atividades pedagógicas, para a valorização e o respeito à cultura e identidade indígena, entre estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Amarante do Maranhão. De modo específico o trabalho pretende: a) propor uma intervenção pedagógica, por meio da utilização de autores da literatura indígena infantojuvenil em uma turma do 6º ano de uma escola pública do município de Amarante do Maranhão; b) desenvolver atividades de leitura, escuta, escrita, análise e dramatização de narrativas indígenas; c) analisar as percepções dos estudantes sobre os povos indígenas antes e depois da intervenção e d) refletir sobre a presença (ou ausência) da literatura indígena no contexto escolar da turma investigada à luz da Lei 11.645/2008.

A Lei 11.645/2008 (Brasil, 2008), determina a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena em todas as etapas da Educação Básica. Contudo, nas práticas escolares, essa legislação ainda não se efetiva de forma sistemática. Assim, trabalhar a literatura indígena com regularidade torna-se fundamental para atender ao que estabelece a lei e, ao mesmo tempo, fortalecer uma educação comprometida com a diversidade.

A escolha pelas turmas do 6º ano justifica-se por se tratar de um período escolar marcado pela ampliação do repertório cultural dos estudantes e pelo desenvolvimento de competências leitoras mais refinadas. A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2018) destaca que, nesse ciclo, os alunos devem ser estimulados a conhecer diferentes manifestações culturais por meio de textos literários variados, o que inclui produções de autoria indígena.

Dessa forma, ao incorporar a literatura indígena infantojuvenil no processo pedagógico, este projeto visa aproximar os estudantes da realidade sociocultural de Amarante do Maranhão, fortalecer a formação crítica e cidadã e favorecer o cumprimento da legislação educacional, tornando a escola um espaço que valoriza e reconhece a pluralidade cultural do Brasil.

Além disso, a realização desta intervenção pedagógica se justifica pela constatação de que a escola ainda não desenvolve práticas sistemáticas envolvendo literatura indígena, o que evidencia a necessidade de uma ação educativa planejada e intencional. A intervenção busca preencher essa ausência ao proporcionar aos alunos experiências literárias que promovam o reconhecimento da diversidade cultural, contribuam para a superação de estereótipos e incentivem atitudes de respeito às identidades indígenas presentes no território.

Segundo Jacob (2020, p.31) “A literatura indígena, quando bem utilizada em sala de aula pode, sem dúvida, auxiliar na instrução dos alunos não indígenas quanto às culturas dos povos tradicionais”. Desse modo, este estudo é relevante por buscar conscientizar os alunos sobre a importância da literatura Indígena infantojuvenil, contribuindo para a valorização e o respeito à cultura dos povos indígenas no ambiente escolar.

Assim, trabalhar a literatura indígena na escola contribui para desconstruir estereótipos que, por muito tempo, foram reproduzidos sobre os indígenas. Esse contato com as produções literárias indígenas desperta o interesse pela leitura e incentiva a valorização das diferenças culturais, tornando a literatura uma verdadeira ponte entre culturas e permitindo que os alunos aprendam sobre o outro de forma mais humana, crítica e respeitosa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Literatura Indígena Infantojuvenil: Conceitos e fundamentos

A literatura indígena infantojuvenil tem ganhado cada vez mais espaço no cenário educacional brasileiro, assumindo papel fundamental na formação de leitores críticos e sensíveis à diversidade cultural. Essa vertente literária nasce do desejo e da necessidade de os próprios povos indígenas contarem suas histórias, seus costumes e modos de vida a partir de

suas vozes, rompendo com o silenciamento e a representação distorcida a que foram submetidos durante séculos.

Segundo Jacob (2020, p. 31), “a literatura indígena, quando fala para as novas gerações, pretende descolonizar e retirar o indígena da subalternidade imposta por vários séculos”. Essa afirmação evidencia o caráter político, educativo e de resistência dessa produção literária, que busca desconstruir paradigmas colonizadores e reafirmar a identidade indígena como parte essencial da formação cultural brasileira.

Com a temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” a Lei nº 11.645/2008 (Brasil, 2008) representou um importante marco para a valorização da cultura indígena no ambiente escolar. Conforme Medeiros (2012, p.49),

Em 10 de março de 2008, foi aprovada a Lei nº. 11.645 pelo Congresso Nacional, alterando a Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, incluindo no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática história e cultura afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio.

Dessa forma, o texto legal abre espaço para que a literatura indígena seja inserida no contexto pedagógico, possibilitando o reconhecimento dos povos originários como sujeitos históricos e produtores de conhecimento e arte. Ao ser trabalhada no ensino fundamental, especialmente nas turmas do 6º ano, a literatura indígena infantojuvenil cumpre uma função essencial na formação do aluno, pois desperta o interesse pela leitura, amplia o repertório cultural e contribui para o desenvolvimento de valores éticos e sociais voltados ao respeito e à convivência com as diferenças. Mesmo com a existência dessa lei, muitas escolas ainda não aplicam de forma efetiva o ensino da cultura indígena.

A Base Nacional Comum Curricular BNCC (Brasil, 2018) reforça a importância de o aluno reconhecer e valorizar a pluralidade cultural brasileira. Embora não mencione de forma direta a literatura indígena, o documento estabelece competências e habilidades voltadas para o conhecimento de diferentes manifestações literárias, como forma de promover o respeito às identidades e tradições que compõem o país. Conforme Bahia (2022, p.24)),

É possível observar que a BNCC, apesar de não citar diretamente a literatura indígena, põe como objetivos, habilidades e competências o conhecimento de diferentes literaturas como forma de valorização das culturas. Para o documento, os alunos devem sair do ensino fundamental com conhecimentos necessários para respeitar e valorizar a cultura indígena e com isso romper com estereótipos que ainda se mantêm na sociedade moderna, e ver que também os indígenas são protagonistas de sua própria história e hoje eles mesmos falam de si, não por narrativas de terceiros.

Nesse sentido, a BNCC reconhece a literatura como instrumento de formação humana e cultural, capaz de ampliar horizontes e transformar perspectivas sobre o outro (Brasil, 2018). Dessa maneira, a literatura indígena infantojuvenil constitui uma ferramenta pedagógica potente, que atua não apenas na dimensão estética, como também na construção de valores éticos e sociais. Ela permite que os estudantes compreendam o papel dos povos indígenas na sociedade contemporânea e reconheçam sua importância histórica e cultural. Mais do que um conteúdo a ser ensinado, trata-se de uma prática educativa que promove o respeito, o reconhecimento e a valorização da diversidade.

Assim, trabalhar com a literatura indígena nas escolas, especialmente nas turmas de ensino fundamental, é uma forma de educar para a cidadania, para o respeito às diferenças e para a valorização da identidade dos povos originários do Brasil. Nesse sentido, no município de Amarante do Maranhão, observa-se que a literatura indígena ainda é pouco conhecida, apesar da presença de um vasto território habitado por povos indígenas. Essa realidade reforça a importância de promover políticas educacionais e culturais que estimulem o estudo e a valorização das produções literárias indígenas, possibilitando que elas ocupem o espaço que lhes é de direito no campo da educação e da cultura brasileira. Desse modo, a seguir, será tratado sobre a literatura infantojuvenil indígena contemporânea por um viés educacional.

2.2 Literatura Infantojuvenil Indígena Contemporânea sob uma Perspectiva Educacional

A literatura indígena infantojuvenil contemporânea vem se consolidando como um campo literário essencial para a valorização da diversidade cultural e para a reconstrução das memórias dos povos originários do Brasil. Essa produção, marcada por forte caráter político e identitário, permite que os próprios indígenas assumam o papel de autores de suas histórias, narrando suas vivências, mitos, lutas e saberes a partir de suas perspectivas. De acordo com Morais (2021, p.02), “Em 1996, *Histórias de índio*, de Daniel Munduruku, foi a primeira obra indígena publicada no Brasil destinada ao público infantojuvenil”. Esse marco inaugura uma nova fase na literatura nacional, na qual os povos indígenas passam a ser protagonistas de suas narrativas, utilizando a escrita como meio de resistência e reafirmação cultural.

Entre os principais nomes da literatura indígena infantojuvenil contemporânea destacam-se: Daniel Munduruku (*Um sonho que não parecia sonho*, 2007), Kaka Werá Jecupé (*As fabulosas fábulas de IAUARETÊ*, 2007), Yaguarê Yamã (*Contos da floresta*, 2012), Eliane Potiguara (*O pássaro encantado*, 2014), Lia Minápoty (*Lua menina e menino onça*, 2014),

Cristino Wapichana (*A boca da noite*, 2016), Edson Kayapó (*Um estranho espadarte na aldeia*, 2021), Márcia Kambeba (*O povo kambeba e a gota d'água*, 2023).

Esses autores, pertencentes a diferentes etnias, expressam em suas obras a pluralidade da cultura indígena brasileira, abordando temas como ancestralidade, espiritualidade, respeito à natureza, resistência e miscigenação. Essa literatura, além de possuir valor estético e cultural, desempenha um papel social e pedagógico de extrema relevância.

Dessa forma, ela contribui para que o leitor, especialmente, o aluno da educação básica reconheça o indígena não como figura do passado, e sim como sujeito contemporâneo, ativo e produtor de conhecimento, diante disso, Santos e Monteiro (2024, p. 12) afirmam que “As obras indígenas têm um papel fundamental dentro das escolas, elas, em sua maioria, são vivências escritas por escritores indígenas que reescrevem a história do seu povo indígena, tendo como objetivo quase sempre o público infantojuvenil”. Por meio da literatura, os estudantes têm acesso a um universo simbólico rico, que revela a relação dos povos originários com a natureza, com o sagrado e com o coletivo. Como observam Souza e Patrocínio (2022, p. 88),

[...]não basta apenas conhecer as obras canônicas de Machado de Assis, José de Alencar, Carlos Drummond de Andrade, entre outros que possuem posições privilegiadas por serem autores de obras consideradas as mais representativas da tradição literária, mas devemos conhecer também textos que retratam histórias de uma vasta diversidade cultural que o nosso país possui, tais como os povos indígenas.

Essa ampliação do repertório literário é fundamental para a formação de leitores críticos e para a construção de uma educação mais inclusiva e plural. A literatura indígena contemporânea, nesse sentido, representa um exercício de resistência e de reafirmação identitária. Como ressalta Ribeiro (2020, p. 77, *apud* Santos; Monteiro, 2024, p.12),

Suas obras falam do universo de cada etnia/povo ou do ameríndio como um todo. Cada autoria apresenta nelas suas formas de viver, ver o mundo, de denunciar as violações de seus direitos, de contar as narrativas e sobre vivências. É um exercício cotidiano e ampliado da oralidade e do gênio.

Dessa forma, a escrita indígena é também a continuidade da tradição oral e o registro das vozes ancestrais que resistem e se reinventam na contemporaneidade. Portanto, conhecer e trabalhar com os autores e obras da literatura indígena contemporânea é reconhecer a pluralidade de culturas que formam o Brasil.

Essa literatura, quando inserida na escola, especialmente no ensino fundamental, torna-se uma ferramenta pedagógica de grande potencial, pois ensina o respeito, promove o diálogo entre culturas e contribui para a valorização das identidades indígenas, construindo pontes entre

o conhecimento tradicional e o saber escolar. Com base nas reflexões anteriores, o próximo tópico detalhará como essa literatura é apresentada como ferramenta pedagógica.

2.3 A Literatura Indígena Infantojuvenil como Ferramenta Pedagógica

A literatura indígena tem se mostrado uma ferramenta pedagógica essencial para a construção de uma educação mais inclusiva, crítica e respeitosa com as diferenças culturais. Seu uso nas escolas permite que alunos e professores tenham contato com outras formas de conhecimento, valores e modos de viver. Portanto, faz-se necessário fomentar sua inclusão nos cursos de formação de professores.

Sobre a literatura indígena na formação de professores, Soares e Lucini (2015, p.391) afirmam, que “possibilita aos acadêmicos vivenciar outros valores, outros mundos. Ao conhecer e experienciar, a formação se torna experiência e possibilita aos alunos/professores comunicar não somente o sabido, mas também o vivido”. Isso mostra que a literatura indígena não se limita ao conteúdo de leitura, constituindo-se como uma experiência educativa. Ela ajuda o professor e o aluno a entenderem o aprendizado de forma mais humana e vivida, ampliando a percepção sobre a diversidade cultural. Nesse sentido, a leitura assume um papel de mediação entre culturas, pois, como afirma Cosson (2025, p.27), “ao ler, estou abrindo uma porta entre meu mundo e o mundo do outro”. Assim, a literatura indígena possibilita que os estudantes compreendam diferentes realidades e desenvolvam empatia e respeito pelas diversas formas de viver e pensar.

Nessa mesma linha, Thiél (2013, p.1175) afirma que “o contato com a literatura indígena leva crianças e jovens a aprimorarem suas competências leitoras e a desenvolverem a capacidade de compreender outras formas de linguagem e expressão”. Para a autora, Thiél (2013, p.1175) essa literatura “capacita este público a ler outras modalidades discursivas”, como imagens, gestos e sons, mostrando que o aprendizado vai além das palavras.

A fala de Thiél (2013) reforça a importância da literatura indígena como ferramenta pedagógica, pois estimula diferentes formas de leitura e compreensão, ajudando o aluno a desenvolver habilidades de interpretação e empatia.

Além de sua função educativa, a literatura indígena também possui um grande valor cultural e identitário. Guesse (2011, p.5) destaca que, “por muito tempo, as manifestações literárias indígenas foram estudadas apenas pela Antropologia, e não pela Literatura”. Segundo a autora, esse cenário começou a mudar nas últimas décadas, quando a estética desses textos

que expressam ideias, criatividade e narrativas próprias, passou a ser reconhecida pelos estudos literários.

Guesse (2011) mostra que a literatura indígena é um campo de conhecimento legítimo, que expressa saberes, sentimentos e formas de ver o mundo. Esse reconhecimento é essencial para que o tema seja levado para as escolas com a valorização que merece.

Por outro lado, Dornelles (2017, p.54) ressalta que, “ao transformar a tradição oral em texto escrito, o autor indígena assume uma grande responsabilidade, pois se torna representante de uma história coletiva”. Segundo a pesquisadora, há ainda muita resistência e especulação quando se fala em literatura indígena, justamente por essa relação entre o individual e o coletivo.

A reflexão de Dornelles (2017) mostra que o escritor indígena tem um papel importante na preservação da memória de seu povo. Ao levar essas obras para a escola, os professores, além de ensinarem leitura, contribuem para o reconhecimento das identidades culturais indígenas.

Assim, autores como Soares e Lucini (2015), Thiél (2013), Guesse (2011) e Dornelles (2017) convergem ao mostrar que a literatura indígena é uma forma de expressão cultural e educativa. Ela preserva a memória, promove o respeito, amplia o conhecimento e pode ser usada como instrumento pedagógico para fortalecer o ensino da diversidade e da identidade cultural no Brasil.

A literatura indígena, ao ser utilizada como ferramenta pedagógica, contribui para a formação de uma educação que respeita e valoriza as diferentes culturas que formam o país. Ela permite que o processo de ensino-aprendizagem vá além da leitura e da escrita, envolvendo a vivência, o diálogo e a troca de saberes.

Por este viés, convém ressaltar que trabalhar a literatura indígena em sala de aula é essencial para formar professores e alunos mais conscientes, críticos e preparados para conviver em uma sociedade multicultural. A partir dessas considerações, a seguir enfatizaremos os desafios e possibilidades dessa literatura enquanto identidade e representatividade.

2.4 Narrativas Indígenas: Potencial pedagógico e conexões para a intervenção escolar

Ao serem inseridas nas atividades de leitura, debates, produções textuais e práticas de interpretação, as narrativas indígenas ajudam a desconstruir imagens estereotipadas e reducionistas que frequentemente circulam no imaginário social. No contexto escolar, a literatura indígena infantojuvenil e aqui, particularmente, defendemos a ideia que a obra “A

Boca da Noite” de Cristino Wapichana se torna um recurso capaz de fortalecer o trabalho com a identidade, o respeito e a valorização cultural dos estudantes amarantinos. Para Vangri Kaingáng (2017, *apud* Bahia (2022, p.28),

Literatura indígena é uma forma de perpetuar o conhecimento oral, ou seja, quando um indígena escreve sobre seu próprio povo ele está traduzindo para escrita experiências que aprendeu por vivência cultural, sua família, suas raízes, ele fala da origem de sua essência, do que aprendeu e ao qual deve respeito e o que verdadeiramente é, pois fala com propriedade daquilo que conhece.

Assim, o trabalho pedagógico com a obra em questão cria oportunidades para que os alunos reconheçam a pluralidade dos povos indígenas e compreendam como suas histórias, tradições e perspectivas são fundamentais para o entendimento da formação cultural do país.

Ao apresentar aos estudantes textos que nascem do interior das comunidades indígenas, o professor possibilita o acesso a perspectivas que normalmente não aparecem nos materiais tradicionais. Assim, a leitura dessas obras permite que os alunos se aproximem de formas de pensar e viver que fogem aos estereótipos, favorecendo uma compreensão mais profunda sobre a riqueza cultural dos povos originários.

A partir desse potencial pedagógico, a proposta de intervenção escolar surge como resposta à necessidade de integrar, de forma intencional e sistemática, a literatura indígena ao processo de ensino e aprendizagem. Nesse contexto, o papel do professor torna-se fundamental na mediação dessas leituras, pois, como afirma Cosson (2025, p. 60), “por isso, cabe ao professor falar da obra e da sua importância naquele momento, justificando assim sua escolha”. Dessa forma, a seleção das obras e a condução das atividades devem estar alinhadas aos objetivos pedagógicos e à realidade dos alunos. A intervenção busca criar espaços de leitura e discussão que permitam aos estudantes vivenciar diferentes experiências literárias e refletir sobre a presença e a importância das culturas indígenas, especialmente no contexto local.

Dessa maneira, a ação pedagógica deixa de ser pontual e passa a assumir um papel transformador, contribuindo para formar alunos mais críticos, conscientes e respeitosos diante da diversidade cultural presente na escola e na sociedade.

2.5 Identidade e Representatividade: Desafios e possibilidades no ensino de literatura indígena infantojuvenil

A literatura indígena configura-se como uma expressão artística e cultural profundamente enraizada na identidade, na história e nas lutas dos povos originários. Trata-se

de uma produção literária que emerge da vivência e da resistência desses povos, e não de uma invenção fictícia. Nesse sentido, Guesse (2011, p.09) ressalta que, “Reforçar a identidade com a literatura: esse é o maior objetivo dos escritores indígenas brasileiros, quando tiram suas histórias, cantos, mitos e poemas do âmbito da oralidade e eternizam-nos no âmbito literário”.

Assim, a literatura indígena assume o papel de instrumento de valorização e preservação cultural, possibilitando o fortalecimento da identidade dos povos indígenas por meio do registro e da difusão de suas narrativas ancestrais. Entretanto, como ocorre em outros campos da produção cultural, a literatura indígena enfrenta inúmeros desafios, muitos deles decorrentes de séculos de apagamento histórico, social e cultural. Conforme destaca Morais (2021, p.04),

Surge então a necessidade de olharmos a formação de professores como uma prática necessária para a constituição de sujeitos que percebam nas narrativas indígenas possibilidades de construir preceitos éticos e morais, absorvendo que por intermédio das leituras e releituras poderemos constituir a aproximação afetiva com as tradições retratadas na oralidade e na escrita transcorridas pelo imaginário dos povos originários, possibilitando o entendimento das narrativas a partir de outras racionalidades.

Dessa forma, o autor enfatiza a importância do investimento na formação docente voltada ao ensino da literatura indígena. É fundamental que os professores compreendam a relevância dessa produção literária para o fortalecimento do respeito e da valorização da diversidade cultural. Ainda, segundo Morais (2021, p.04), “É necessário despertar nas crianças e jovens, indígenas e não indígenas, a aptidão de leitura, uns irão gostar, outros entender que é imprescindível, e assim, o farão”. Essa perspectiva visa promover uma educação crítica e inclusiva, que reconheça o lugar histórico dos povos indígenas e enfrente o processo de marginalização a que foram submetidos.

No entanto, observa-se que a literatura indígena ainda é frequentemente tratada nas escolas de forma superficial, sendo associada apenas a momentos específicos do calendário escolar. Morais (2021, p.05) ressalta que:

[...] tais produções aparecem no cotidiano escolar somente quando se é pensado em atividades pedagógicas voltadas às datas comemorativas instituídas em calendário, tais como o Dia do Índio e/ou Semana do Folclore, ou ainda, quando se pretende trabalhar lendas e mitos enquanto gênero textual, não pela sua finalidade cultural e discursiva, mas como objeto de análise dentro do conceito maçante do ensino gramatical, o que reflete no quanto o processo de colonização do imaginário indígena ainda se perpetua pela visão embaçada e estereotipada do colonizador.

Conforme o que já discutimos até aqui, é possível inferir que o cenário apresentado evidencia a necessidade urgente de reorganizar as práticas pedagógicas e de conceder à

literatura indígena o devido reconhecimento enquanto produção literária autêntica e significativa. Também está evidente que essa literatura não deve ser reduzida a um recurso didático ocasional ou a um elemento folclórico, mas compreendida como uma forma de resistência, memória e reafirmação identitária.

Dito isto e tendo apresentado os fundamentos teóricos que respaldam este trabalho, logo em seguida abordaremos a metodologia utilizada nesta pesquisa.

3 METODOLOGIA: Conceitos e Contextos da Pesquisa

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, do tipo intervenção pedagógica, fundamentada nos princípios da pesquisa-ação (Tripp, 2005; Paiva, 2019). Sobre as características da pesquisa-ação, Tripp (2005, p. 445-446), afirma que:

É importante que se reconheça a pesquisa-ação como um dos inúmeros tipos de investigação-ação, que é um termo genérico para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação.

Logo, essa metodologia permite que o pesquisador, ao mesmo tempo em que intervém pedagogicamente, observe, analise e registre o desenvolvimento dos participantes, produzindo conhecimento a partir da vivência para melhorar a prática da investigação.

Em conformidade com Paiva (2019, p.72) “A pesquisa-ação se caracteriza pela intervenção em busca de mudanças positivas em determinado contexto.” Portanto, para a autora, a pesquisa-ação é caracterizada pela colaboração de participantes, onde se vê as teorias educacionais sendo empregadas às práticas sociais, promovendo ações e transformações de situações dentro do âmbito escolar.

Dito isto, este trabalho consiste em uma proposição de atividades pedagógicas para o âmbito da escola pública. E tem como base um projeto piloto de leitura denominado "Literatura Indígena Infantojuvenil: Uma aventura literária nos saberes indígenas", desenvolvido em uma escola pública municipal, localizada em um dos povoados da cidade de Amarante do Maranhão. A cidade de Amarante do Maranhão fica localizada a 691 km de São Luís, a capital do estado. A escola é organizada em dois (02) turnos, sendo os horários estabelecidos pela Secretaria Municipal de Educação, pela manhã no horário das 07:30h às 11:30h e à tarde no horário das

13:30h às 17:30h. No turno da noite a mesma escola funciona pela rede estadual de ensino, no horário das 19:30h às 22:30h.

A escola atualmente é composta por nove salas de aula climatizadas, uma sala de leitura, uma sala de recursos onde há atendimentos de uma psicopedagoga três dias por semana para crianças atípicas da comunidade escolar, uma secretaria, uma diretoria, uma sala dos professores equipada com bebedouro e banheiros masculino e feminino, uma cozinha, dois bebedouros no pátio, um banheiro feminino, outro masculino e um de acessibilidade e um almoxarifado. A escola possui acesso à internet disponibilizado aos funcionários.

A turma escolhida para o desenvolvimento da proposta foi o 6ºano “B” do Ensino Fundamental, com o total de 23 alunos, na faixa etária dos 11 a 12 anos, sendo 10 meninas e 13 meninos. Para a aplicação das atividades, contamos com a parceria da professora regente da turma. Trata-se de uma docente natural de Amarante do Maranhão, que começou sua trajetória como professora no ano 2000, na época, como professora contratada no assentamento Kaike, região da mata de Amarante do Maranhão. Atualmente, ela é professora efetivada desde 2002. Em 2011 fez graduação em pedagogia, tem pós-graduação em Educação Infantil, Psicopedagogia e Ensino da Língua Portuguesa e Literatura.

Para o desenvolvimento da proposta na turma selecionada, utilizamos como obra principal o livro “A Boca da Noite”, de Cristino Wapichana e como obra complementar “As fabulosas fábulas de IAUARETÊ”, de Kaká Werá Jecupé. Tal escolha justifica-se pela necessidade identificada de inserir a literatura indígena infantojuvenil no cotidiano escolar, tendo em vista sua ausência nos materiais utilizados pela instituição e a importância de promover o respeito, a valorização e a compreensão sobre os povos indígenas no contexto educacional da comunidade onde a escola está inserida. A proposta dialoga com a BNCC, com a Lei 11.645/2008 e com os fundamentos teóricos apresentados neste trabalho.

A metodologia de desenvolvimento das atividades no âmbito da escola campo, a proposta foi realizada em três etapas, a saber: 1) diagnóstico inicial (Roda de conversa, levantamento de conhecimentos prévios e identificação de estereótipos e percepções); 2) desenvolvimento da intervenção pedagógica (Sequência de atividades; leitura, socialização, fábulas, dramatização...) e 3) avaliação e análise dos resultados (Análise qualitativa das falas e produções dos alunos, observação das mudanças de percepção, registro das interações e participação e roda de conversa final).

Durante o desenvolvimento das etapas da proposta, inicialmente, aplicamos uma sequência de atividades. Para a primeira atividade utilizamos 2 aulas. Na ocasião, fizemos o que denominamos de Diagnóstico Inicial. Essa atividade consistiu na apresentação e

sensibilização dos alunos, por meio de uma roda de conversa inicial, com três perguntas norteadoras: 1. O que vocês sabem sobre os povos indígenas? 2. Já leram algum livro escrito por um autor indígena? 3. Como imaginam o cotidiano atual dos povos indígenas? Essas perguntas tiveram como principal objetivo mapear percepções, estereótipos e conhecimentos prévios.

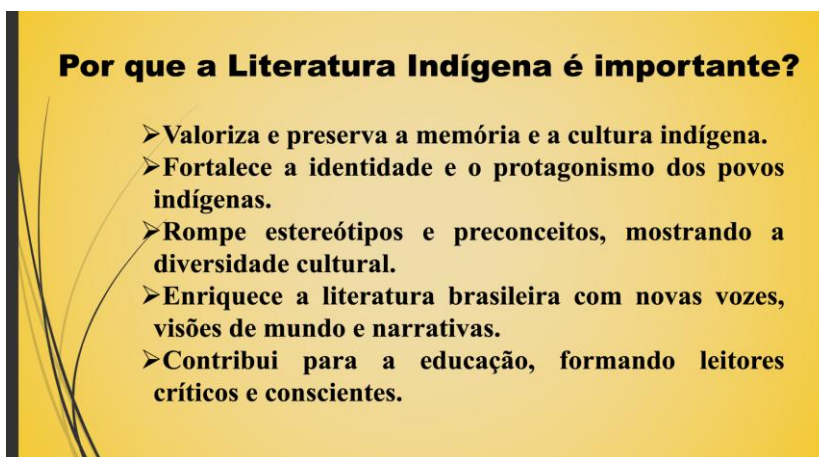
Após a escuta dos alunos, apresentamos 10 *slides* (Figuras 1, 2 e 3) contendo informações sobre a literatura e alguns escritores indígenas contemporâneos para ilustrar o que caracteriza a literatura indígena infantojuvenil e para que refletissem sobre qual sua importância cultural e educativa. A reação dos alunos em relação a essa literatura foi de admiração, e alguns mencionaram já ter tido contato com alguns livros dessa literatura fora da escola em aulas de reforço pagas pelos pais.

Figura 1: Slide 5 - Exemplos de Literatura Indígena



Fonte: Acervo das autoras, 2025

Figura 2: Slide 6 - Reflexões sobre a Importância da Literatura Indígena



Fonte: Acervo das autoras, 2025

Figura 3: Slide 8 - Exemplos de Escritores Indígenas



Fonte: Acervo das autoras, 2025

Na segunda etapa da proposta, (2 aulas), fizemos uma leitura compartilhada da obra “A Boca da Noite”, para isto projetamos o texto em *slides* na sala de leitura da escola. Essa atividade chamou muito a atenção dos alunos, pois os mesmos ainda não tinham tido a oportunidade de visitar essa sala. Durante a leitura observamos o texto e as ilustrações, fazendo pausas para comentários interpretativos sobre medo, coragem, ancestralidade, proteção e natureza. Para fixação da história fizemos uma atividade chamada “*Stop da Interpretação*”, na qual eles responderam perguntas sobre a história lida. Como tarefa de casa propomos pesquisar com familiares mais velhos uma história que era contada para dormir, parecida com a história da boca da noite. Explicamos que essa história poderia conter ilustrações e que seria lida para a turma na aula seguinte. Essa atividade teve como objetivos desenvolver a compreensão leitora e fomentar a valorização da oralidade e o reconhecimento da transmissão cultural.

Na terceira etapa de desenvolvimento da proposta, separamos uma aula para atividade de apresentação das histórias pelos alunos. Durante essa etapa observamos que poucos alunos fizeram a atividade proposta para casa, na aula anterior, mas os que fizeram apresentaram oralmente suas histórias e usaram sua imaginação nas ilustrações com desenhos e impressões que foram expostos na sala de aula. Nessa mesma etapa separamos a 01 aula para a leitura de 3 fábulas. Assim, no encerramento das atividades na turma selecionada, fizemos a leitura de três fábulas do livro “As fabulosas fábulas de IAUARETÊ”, de Kaka Werá Jecupé (2007), a saber: “O buraco da onça”, “Iauaretê e a anta” e “O pajé e o ratinho”. Para isso, dividimos a turma em 3 grandes grupos, cada grupo ficou com uma fábula, cada grupo fez a leitura silenciosa de sua

fábula e depois uma leitura dialogada para a turma. Após a leitura cada grupo de leitor explicou para a turma o que entendeu do texto lido.

Por questões relacionadas ao cronograma do estágio e ao calendário da escola, as atividades pensadas para o projeto da proposta não foram totalmente aplicadas. Contudo, a experiência serviu para nortear outros projetos envolvendo a utilização da literatura infantojuvenil no espaço escolar. Pois a partir do que foi vivenciado na escola campo entendemos que há diversas possibilidades para que se desenvolva mais atividades de leitura contemplando literaturas de autores indígenas.

Dito isto, em seguida apresentaremos uma proposta pedagógica para dar continuidade ao projeto aplicado para e esperamos que outros profissionais da área possam utilizá-lo.

4 O ENSINO DA LITERATURA INDIGENA INFANTOJUVENIL: Uma Proposta Pedagógica para a Valorização Cultural Brasileira por meio das Narrativas Indígenas

A partir das atividades desenvolvidas em sala de aula durante o período de estágio, observou-se o envolvimento dos alunos com narrativas indígenas, bem como o interesse em aprofundar o conhecimento acerca da cultura dos povos indígenas. Nesse contexto, fez-se necessário propor novas estratégias didáticas que possam enriquecer e ampliar o conhecimento dos estudantes sobre essa temática, que ainda é pouco explorada nas escolas do município. A presente proposta busca dar continuidade às atividades já realizadas, incentivando a participação dos alunos por meio de práticas que despertem seu interesse e curiosidade em relação à cultura indígena. Também serve ao propósito de fornecer subsídios didáticos aos professores que desejarem desenvolver esse tipo de trabalho em outros contextos brasileiros que tenham semelhanças com o contexto descrito neste trabalho.

A proposta justifica-se, portanto, pela necessidade de ampliar o trabalho com a literatura indígena no ambiente escolar, especialmente no contexto local, onde essa abordagem ainda ocorre de forma limitada. Desse modo, considerando a importância da valorização das culturas indígenas para a formação dos alunos, torna-se fundamental desenvolver práticas pedagógicas que promovam o conhecimento, o respeito e a valorização da diversidade cultural, contribuindo para a construção de uma educação mais inclusiva e consciente.

Diante disto, foram selecionadas 2 obras de autores indígenas, cujos conteúdos dialogam com as discussões propostas aqui. A partir desses conteúdos propomos atividades que visam contemplar de forma integrada os eixos de leitura, escrita e oralidade dos alunos por meio das obras selecionadas, a saber: “A Boca da Noite” de Cristino Wapichana (2016) e “As

Fabulosas Fábulas de IAUARETÊ”, de Kaka Werá Jecupé (2007). Para isso, serão desenvolvidas algumas propostas de atividades.

Vale destacar que a proposta em questão é uma continuidade do que fora, inicialmente, trabalhado no contexto já apresentado aqui, porém, pode ser adaptada para outros contextos de escolas brasileiras de diferentes regiões.

Como já mencionado, a proposta está organizada em 3 eixos trabalhados em 3 etapas. As atividades a serem desenvolvidas em cada etapa estão descritas a seguir.

4.1 Etapa 1: Atividades do Eixo Leitura

Esta etapa dá início às atividades com as obras selecionadas e, como se trata da continuidade do que já foi iniciado em uma escola campo, nesta etapa, como proposta de continuidade, apresenta-se a retomada da obra “A Boca da Noite”, de Cristino Wapichana (ano). Cristino Wapichana é um renomado escritor indígena nascido em Boa Vista, Roraima, em 1971. O autor é escritor e músico indígena, descendente do povo Wapichana, patrono da cadeira 146 da Academia de Letras dos Professores da cidade de São Paulo, além de ter recebido importantes reconhecimentos, como a Medalha da Paz Mahatma Gandhi, em 2014, e a seleção de suas obras para o clube de leitura da ONU, em 2021.

A obra apresenta uma narrativa voltada ao público infantojuvenil, marcada pela infância, pela curiosidade, pela imaginação e pelos ensinamentos ligados ao cotidiano e à cultura do povo Wapichana. No livro, os personagens, irmãos Dum e Kupai, buscam respostas para perguntas próprias do universo infantil, como: o que acontece quando o sol mergulha no rio? Será que ele toma banho antes de dormir? Além da narrativa envolvente, as ilustrações também se destacam, contribuindo para despertar o interesse dos alunos pela leitura.

Nessa atividade, o professor poderá orientar os alunos a retomarem as histórias já registradas a partir dos relatos de seus familiares e compará-las com os elementos presentes em “A Boca da Noite”. Essa comparação terá como foco aspectos como personagens, ensinamentos, relação com a natureza e formas de transmissão da memória.

Outra proposta de atividade de leitura a partir da obra “A Boca da Noite” é trabalhar a leitura imagética e a construção de sentidos. A atividade consiste na análise das ilustrações presentes no livro, nela poderá ser apresentada algumas imagens da obra aos alunos antes da releitura de trechos selecionados, solicitando que observem cores, personagens, expressões, elementos da natureza e ambientes representados. Em seguida, os estudantes serão orientados

a relacionar essas imagens com os acontecimentos da narrativa, identificando como as ilustrações contribuem para a compreensão da história e para a construção dos sentidos do texto. Após esse momento, poderá ser realizada uma roda de conversa, na qual os alunos compartilharão suas interpretações, destacando o que as imagens revelam sobre a infância, a curiosidade, a natureza, a memória e os ensinamentos presentes na cultura Wapichana.

4.2 Etapa 2: Atividades do Eixo Escrita

Nesse eixo, sugere-se a produção do gênero textual fábula. Esse gênero caracteriza-se por ser uma narrativa curta que, geralmente, apresenta personagens animais com comportamentos semelhantes aos humanos e traz, ao final, uma moral ou ensinamento. Sua escolha justifica-se por ser adequada à turma do 6º ano, pois permite trabalhar, de forma lúdica, valores, reflexão e criatividade, além de contribuir para o desenvolvimento da leitura e da escrita. Nesse sentido, propõe-se que os estudantes criem novas fábulas inspiradas na relação entre o ser humano e a natureza, contemplando elementos como animais, rios, florestas e outros aspectos do meio natural. Após a produção, os textos poderão ser lidos em sala de aula como forma de socialização, incentivando a oralidade, a escuta atenta e o respeito às ideias dos colegas.

Ao final dessa etapa, será organizado um livro coletivo reunindo todas as fábulas produzidas pelos alunos. Esse material contará com capa ilustrada pelos próprios estudantes, com o objetivo de incentivar a autoria e valorizar suas produções escritas. Posteriormente, o livro será disponibilizado na sala de leitura da escola, possibilitando o acesso da comunidade escolar e ampliando a circulação dos textos produzidos pela turma.

4.3 Etapa 3: Atividades do Eixo Oralidade

Sugere-se a dramatização das três fábulas da obra “As fabulosas fábulas de IAUARETÊ”; “O buraco da onça”, “Iauaretê e a anta” e “O pajé e o ratinho”, de Kaká Werá Jecupé(2007). Kaká Werá Jecupé nasceu em São Paulo, em 1964, é escritor, ambientalista e tradutor. É descendente do povo Tapuia e acolhido pelos Guarani, junto aos quais desenvolve uma extensa pesquisa histórica, linguística e cultural. Está envolvido em processos educativos,

atua na valorização, registro e difusão dos saberes ancestrais de povos indígenas. A obra, aprovada pelo PNLD 2023, é indicada para os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Trata-se de um livro de recontos construído a partir de outros recontos. Para escrevê-lo, Kaká pesquisou histórias registradas pelo general Couto de Magalhães no final do século XIX, em diferentes regiões do Brasil. O autor leu as versões registradas em Tupi e as comparou com as histórias de outros narradores indígenas vivos, adicionando outros personagens às fábulas. O livro narra as aventuras da onça Iauaretê, uma onça-rei que, de dia é uma onça, mas à noite se transforma em gente, onde ela se transforma em um guerreiro Kamaiurá, casa-se e tem dois filhos. As histórias desses personagens vão se entrelaçando, as fábulas selecionadas na obra abordam temas presentes na vida real, como medo, coragem, dúvida, amor, morte, paz, oportunidade, erros e acertos.

A obra também se destaca pelas ilustrações de Sawara, filha do autor, que tinha 11 anos quando as produziu. As três fábulas poderão ser organizadas em três grandes grupos para a dramatização. A apresentação deverá contar com narrador, figurino e efeitos sonoros, garantindo a participação de todos os integrantes do grupo. Ao final, as dramatizações serão apresentadas no pátio da escola para todos os alunos.

4.4 Expansão do Conhecimento: atividade de avaliação

A avaliação da aprendizagem dos alunos será realizada de forma processual e formativa, considerando o desenvolvimento dos estudantes ao longo das atividades propostas. Para verificar o conhecimento adquirido, sugere-se a aplicação de uma atividade escrita, com questões interpretativas sobre a obra “A Boca da Noite”, de Cristino Wapichana, e sobre as fábulas trabalhadas da obra “As fabulosas fábulas de IAUARETÊ”, de Kaká Werá Jecupé. Essa atividade terá como objetivo identificar se os alunos compreenderam os principais elementos das narrativas, como personagens, acontecimentos, ensinamentos, relação com a natureza, oralidade, ancestralidade e valorização da cultura indígena.

Além da atividade escrita, a aprendizagem também poderá ser verificada por meio da produção do gênero textual fábula, por ser um gênero já trabalhado na proposta e adequado à faixa etária dos alunos do 6º ano. Nessa produção, os estudantes deverão criar uma narrativa curta, com personagens, conflito, desenvolvimento e um ensinamento final, inspirada na relação entre o ser humano e a natureza. Também poderá ser utilizado o reconto oral como instrumento avaliativo

O conhecimento adquirido será socializado por meio da leitura das fábulas produzidas e das dramatizações realizadas pelos grupos. Essas produções poderão ser apresentadas em sala de aula ou em outro espaço da escola, como o pátio, possibilitando que outros alunos também tenham contato com as narrativas indígenas. A aprendizagem será medida a partir de critérios como participação nas atividades, compreensão das obras, coerência na produção textual, criatividade, oralidade, respeito à temática indígena e capacidade de relacionar os textos lidos aos conhecimentos construídos sobre a cultura dos povos indígenas.

Dessa forma, a avaliação proposta busca compreender não apenas o desempenho dos alunos nas atividades escritas e orais, além do modo como eles se apropriaram dos conhecimentos construídos ao longo da proposta pedagógica. Ao considerar a participação, a interpretação, a produção textual, o relato e a socialização das aprendizagens, torna-se possível verificar se os estudantes desenvolveram uma compreensão mais crítica e respeitosa sobre a literatura e a cultura indígena. Assim, este trabalho representa apenas uma pequena contribuição diante da grande necessidade de ações no âmbito escolar para reduzir os problemas relacionados à desvalorização das culturas dos povos indígenas brasileiros, ainda marcadas pelo preconceito e pelos estereótipos enraizados na sociedade brasileira.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu compreender a relevância da literatura indígena infantojuvenil como ferramenta pedagógica no ambiente escolar, especialmente no que se refere ao respeito à diversidade e à valorização da cultura dos povos indígenas. Desse modo, buscou-se propor caminhos práticos para sua inserção no contexto educacional, considerando a necessidade de uma educação mais representativa. A partir da questão norteadora, observou-se que a inserção dessas narrativas na escola, contribuindo consideravelmente para o enriquecimento cultural dos estudantes, além de favorecer a desconstrução de estereótipos historicamente construídos e perpetuados ao longo das gerações acerca dos povos indígenas.

O trabalho buscou responder como a utilização da literatura indígena infantojuvenil em atividades pedagógicas pode favorecer atitudes de valorização e respeito à cultura e identidade indígena entre estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental e, dentre seus objetivos buscou compreender a relevância da utilização da literatura indígena infantojuvenil em atividades pedagógicas, para a valorização e o respeito à cultura e identidade indígena, entre estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Amarante do Maranhão e

desenvolver atividades de leitura, escuta, escrita, análise e dramatização de narrativas indígenas.

Assim sendo, com base na intervenção pedagógica proposta, ainda que não tenha sido totalmente aplicada, os objetivos do trabalho foram alcançados, pois dentre outras, foi possível perceber o envolvimento e o interesse dos alunos nas atividades desenvolvidas, especialmente nas práticas de oralidade, leitura, escrita e interpretação. Ressalta-se que a aplicação parcial da proposta não compromete sua relevância, configurando-se como uma etapa inicial que demonstra possibilidades de sua utilização por outros professores, em outras turmas, como incentivo a práticas mais inclusivas e efetivas de desenvolvimento no ambiente escolar e, conseqüentemente, ao seu aprofundamento com outros autores indígenas.

As experiências vivenciadas indicam que o contato com obras de autoria indígena não é comum entre os alunos, entretanto, por se tratar de uma literatura de fácil compreensão, eles demonstraram grande interesse. Dessa forma, essa literatura contribui para a formação de uma percepção mais respeitosa e sensível em relação à diversidade cultural, aproximando os estudantes de uma realidade que lhes é próxima, porém frequentemente invisibilizada no contexto escolar. Além disso, evidencia-se que a Lei 11.645/2008, ainda não é uma realidade, principalmente no território amarantino, onde há uma significativa concentração de povos indígenas.

Por fim, ressalta-se que a literatura indígena infantojuvenil possui um grande potencial pedagógico, não apenas para o desenvolvimento de competências linguísticas, bem como para a formação de sujeitos mais conscientes, críticos e respeitosos diante da diversidade cultural. Conseqüentemente, sua inserção nas práticas educativas contribui de maneira significativa para a construção de uma educação mais inclusiva, plural e comprometida com a valorização dos povos indígenas.

REFERÊNCIAS

BAHIA, Thaina Ferreira Gomes. **A literatura indígena infanto-juvenil como forma de valorização da cultura original nativa nas diretrizes da BNCC**. 2022. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Abaetetuba, 2022.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 7 nov. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/historico>. Acesso em: 8 nov. 2025.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. 14. reimpr. São Paulo: Contexto, 2025.

DORNELLES, Kelly Mara Soares. **Representações indígenas no PNBE 2014**. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/1217>. Acesso em: 4 nov. 2025.

DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (org.). **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

EDITORA PEIRÓPOLIS. **Entrevista com Kaká Werá e Sawara, autores de Corre, Cotia**. São Paulo: Editora Peirópolis, 2024. Disponível em: <https://www.editorapeiropolis.com.br/entrevista-com-kaka-wera-e-sawara-autores-de-corre-cotia/>. Acesso em: 21 abr. 2026.

FENSKE, Elfi Kürten. **Kaká Werá e a sua ecologia do ser**. In: **Templo Cultural Delfos**, nov. 2024. Disponível em: <https://www.elfikurten.com.br/2021/12/kaka-wera.html?m=1>. Acesso em: 21 abr. 2026.

GUESSE, Érika Bergamasco. Da oralidade à escrita: os mitos e a literatura indígena no Brasil. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA, 13.; SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA, 3., 2011, Uberlândia. **Anais do SILEL**. Uberlândia: EDUFU, 2011. v. 2. Disponível em: <https://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/130.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2025.

JACOB, Livia Penedo. Sob os olhos de Kunumim: a literatura indígena brasileira no círculo literário infantojuvenil. **Caderno Seminal**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 34, 2020. DOI: 10.12957/cadsem.2020.48161. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/cadernoseminal/article/view/48161>. Acesso em: 5 nov. 2025.

LIVRARIA MARACÁ. **A boca da noite: Cristino Wapichana**. [S. l.]: Livraria Maracá, [s. d.]. Disponível em: <https://www.livrariamaraca.com.br/produto/a-boca-da-noite-cristino-wapichana/>. Acesso em: 21 abr. 2026.

MACHADO, José Ronaldo de Freitas. Metodologias de pesquisa: um diálogo quantitativo, qualitativo e quanti-qualitativo. **Devir Educação**, Lavras, v. 7, n. 1, e-697, 2023.

MEDEIROS, Juliana Schneider. Povos indígenas e a Lei 11.645: (in)visibilidades no ensino da história do Brasil. In: BERGAMASCHI, Maria Aparecida; DALLA ZEN, Maria Isabel Habckost; XAVIER, Maria Luísa Merino de Freitas (org.). **Povos indígenas e educação**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2012. p. 49-62.

MORAIS, Wagner Mõnantha Sousa. Literatura infantojuvenil indígena: reflexões acerca dos desafios e possibilidades de ascensão do letramento literário sob a óptica do diálogo intercultural. In: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO (SEMIEDU), 29., 2021, Cuiabá. **Anais [...]**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2021.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019. (Educação linguística, 14).

SANTOS, Pedro Manoel da Silva; MONTEIRO, Maria Iolanda. A literatura indígena sobre a educação infantojuvenil a partir da Lei 11.645/08. **Cadernos da Pedagogia**, v. 18, n. 42, set./dez. 2024.

SOARES, Tathiana Santos; LUCINI, Marizete. A literatura indígena no fortalecimento da identidade dos povos indígenas e utilizada como ferramenta em sala de aula. In: SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR EM EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS, 5., 2015, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: SENIEE, 2015. p. 383-393.

SOUZA, Sandra Cristina de; PATROCÍNIO, Ingrid Joyce de Lima. Literatura indígena infantojuvenil: “A boca da noite”, de Cristino Wapichana, como contribuição de ensino na escola para a Educação Fundamental II. **Ipê Roxo**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 84-97, 2019. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/iperoxoxo/article/view/2942>. Acesso em: 4 nov. 2025.

THIÉL, Janice Cristine. A literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1175-1189, out./dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/PJsZ4S3tMLKBmyJ83VKXcQg/>. Acesso em: 4 nov. 2025.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.